

# O ENFERMEIRO RECÉM-GRADUADO E O PRIMEIRO EMPREGO. PERCEPÇÕES DA FORMAÇÃO NA GRADUAÇÃO E DA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Alessandro de Oliveira Dias<sup>1</sup>

Maria Helena Dantas de Menezes Guariente<sup>2</sup>

Renata Aparecida Belei<sup>3</sup>

DIAS, A.O.; GUARIENTE, M.H.D.M.; BELEI, R.A. O enfermeiro recém-graduado e o primeiro emprego. Percepções da formação na graduação e da atuação profissional. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama*, 8(1), jan./abr. p.19-24, 2004.

**RESUMO:** Concluir um curso de graduação significa muito para quem o faz, mas muitas vezes é motivo de grande angústia e ansiedade. Normalmente, o primeiro emprego é um desafio que acompanha o profissional em seus primeiros meses de exercício profissional. O enfermeiro recém-graduado enfrenta esse desafio com muita insegurança e receios, pois encontra inúmeras dificuldades que se iniciam desde o processo admissional a adaptação às normas e ao processo de trabalho da instituição. Esse trabalho investigou junto aos enfermeiros recém-formados de Londrina-Paraná, a condição de iniciar suas atividades profissionais com segurança, além de levantar as principais dificuldades enfrentadas durante o primeiro ano de exercício profissional. Como resultados observou-se que: 80% dos entrevistados sentiram dificuldades no primeiro emprego; sendo que 42,86% destes sentiram falta de experiência em Liderança e 21,43% na área administrativa. Todos os entrevistados disseram que procuraram auxílio frente às dificuldades, sendo que 35,72% através de consulta em livros, 28,57% através da chefia, 28,57% com colegas de serviço e 7,14% com professores. Constatou-se ainda que para 46,66% dos enfermeiros a escola forma o aluno para as necessidades da prática profissional. Conclui-se que o enfermeiro recém-graduado não é um produto acabado, precisa de treinamento, incentivo e participação para desempenhar adequadamente sua função na instituição empregadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** enfermagem, escolas de enfermagem, trabalho.

## THE JUST GRADUATED NURSE AND THE FIRST JOB - PERCEPTIONS OF THE FORMATION IN THE GRADUATION AND OF THE PROFESSIONAL PERFORMANCE

DIAS, A.O.; GUARIENTE, M.H.D.M.; BELEI, R.A. The just graduated nurse and the first job - Perceptions of the formation in the graduation and of the professional performance. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama*, 8(1), jan./abr. p.19-24, 2004.

**ABSTRACT:** Concluding a graduation course means a lot for who does it, but many times it is a reason of great anguish and anxiety. Normally, the first job is a challenge that accompanies the professional in his first months of professional practice. The just graduated nurse faces this challenge with a lot of unreliability and distrusts, because he finds innumerable difficulties that initiate from the admission process and the adaptation to the norms and the process of work of the institution. This work investigated together the just graduated nurses of Londrina - Paraná, the condition to initiate his professional activities with safety, besides raising the main difficulties faced during the first year of professional exercise. As results it was observed that: 80% of the interviewed ones felt difficulties in the first job; where 42.86% of these felt a lack of experience in the leadership area and 21.43% in the administrative area. All the interviewed ones said that they looked for help to face the difficulties, 35.72% through consultation in books, 28.57% through command, and 28.57 % with colleagues of work and 7.14% with professors. It was also evidenced that for 46.66% of the nurses the school forms the pupil for the necessities of professional practice. We concluded that the just graduated nurse is not a finished product, he/she needs training, incentive and participation to adequately play his role in the employing institution.

**KEY WORDS:** nursing, schools, work.

### Introdução

Concluir um curso de graduação significa momento de grande realização e satisfação pessoal, mas muitas vezes é motivo de grande angústia e ansiedade.

Normalmente, o primeiro emprego é um desafio

que acompanha o profissional em seus primeiros meses de exercício profissional. O enfermeiro recém-graduado enfrenta esse desafio com muita insegurança e receios, pois encontra inúmeras dificuldades que se iniciam com o processo admissional e continuam com a sua adaptação ao serviço de saúde.

<sup>1</sup>Enfermeiro da Unidade de Terapia Intensiva, do Hospital Universitário da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR), especialista em Educação Profissional em Enfermagem.

<sup>2</sup>Enfermeira Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina, Coordenadora do Núcleo de Pesquisa do HURNP, doutoranda em Enfermagem Fundamental pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

<sup>3</sup>Enfermeira da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar, doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista - Marília - SP.

Endereço para correspondência: Alessandro de Oliveira Dias. Rua Flor de Jesus, 501. Interlagos. Londrina. 86035-290. alexmel@bol.com.br

Analisando a formação dos cursos da área de saúde, observa-se que o modelo de ensino norte-americano, chamado no Brasil de flexneriano, foi implantado no Brasil a partir de 1940, quando do processo de criação de novas escolas de enfermagem, medicina e de odontologia (FEUERWERKER; MARSIGLIA, 1996). Este modelo de ensino, segundo Feuerwerker (2000), se caracterizava pela prática fundamentada no hospital-escola, currículo com fragmentação do conhecimento em função do processo de especialização, metodologias de ensino tradicional e centradas no professor.

A influência do modelo de saúde flexneriano, baseado num paradigma fundamentalmente biológico e quase mecanicista para a interpretação dos fenômenos vitais, gerou o culto à doença e não à saúde, e a devoção à tecnologia, sob a presunção ilusória de que ela seria o centro de atividade científica e de assistência à saúde (NOVAES, 1990).

Segundo Novaes (1990), os paradigmas originados a partir do modelo flexneriano direcionaram os modelos de organização dos serviços e dos currículos de formação das áreas da saúde, difundindo a concepção biologicista e médico-hospitalocêntrica de saúde junto à população.

No Brasil, esse contexto educacional e de saúde passou a ser analisado criticamente. Conseqüentemente, muitos eventos foram promovidos com o objetivo de incentivar os profissionais da saúde às mudanças curriculares, como a VIII Conferência Nacional de Saúde, em 1996, a Lei Orgânica de Saúde e a XIX Conferência Nacional de Saúde. Nestes, estabeleceram-se à implantação de uma política de recursos humanos para o Sistema Único de Saúde (SUS), a revisão dos currículos profissionais, ajustando-os às realidades sociais, étnico-culturais a ao quadro epidemiológico da população, propondo a formação de profissionais com visão integral, comprometimento social e formação geral (ROMANO, 1999).

Juntamente com esta Reforma Sanitária Brasileira, a questão da formação dos recursos humanos em saúde passou a ser discutida mais profundamente.

A partir desses eventos, ficou claro que o perfil, as competências e habilidades dos profissionais da saúde formados não correspondiam ao exigido pela sociedade da época. Conseqüentemente, a maioria das universidades passou a se questionar sobre a legitimidade de sua formação, sobre seu papel na produção e “transmissão” de conhecimentos, permitindo dessa forma, um contexto mais favorável às mudanças (O MOVIMENTO DA FORMAÇÃO..., 2000).

Essas mudanças no setor de saúde do Brasil, iniciadas também em todo o continente latino-americano, foram impulsionadas por uma pressão social muito grande sobre as universidades, no sentido de que buscassem maior relevância social, tanto no campo da produção de conhecimentos como no campo da formação profissional (DIAS, 1996; ALMEIDA, 1998) e efetivadas por meio de mudanças radicais e profundas, tanto no campo das metodologias de ensino-aprendizagem, como no modo de trabalhar os problemas da realidade da população (BRAGA, 2000; FEUERWERKER, 2001).

As mudanças na formação dos profissionais da área de saúde tornaram-se essenciais e deveriam atingir relações, estruturas e, até mesmo, o modo de funcionamento

das universidades. Por isso, também foram incentivadas a introdução da prática multiprofissional, com cenários mais próximos da realidade, a inclusão de módulos e, principalmente, a concepção de que currículo é um processo de construção permanente (FEUERWERKER et al., 2000).

Fortalecendo as transformações no ensino, ocorridas no Brasil na década de 90, também estão as influências da Network of Community-oriented Educational Institutions for Health Sciences (NETWORK). Estas influências passaram a nortear as reformulações curriculares, que envolveram a orientação comunitária e a aprendizagem baseada em problemas, além de tentar centralizar a educação no aluno, ao invés do tradicional, que era centralizada no professor. (SILVA et al., 2000).

As propostas implantadas pelo Programa UNI: Uma Nova Iniciativa na educação dos profissionais da saúde - União com a Comunidade, também influenciaram essas mudanças curriculares pois propunham o desenvolvimento integrado de modelos inovadores na educação e atenção à saúde e o desenvolvimento de lideranças (SILVA et al., 2000).

Também tiveram relevante papel nas mudanças das diretrizes curriculares dos cursos da área da saúde as propostas da Rede Unida (SILVA et al., 2000).

Segundo Martins e Haddad (2001), a Lei nº 9.394 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, foi um fator de suma importância e de grande influência para as mudanças na área de saúde por estabelecer a flexibilização dos currículos de graduação, ultrapassando o modelo de currículos mínimos, cuja ênfase estava nas disciplinas e cargas horárias.

Nesse cenário de transformações, outros relevantes movimentos foram importantes, alavancando as reformas educacionais na área de saúde, como o debate proposto pelo Ministério da Educação sobre as diretrizes curriculares dos cursos de graduação e os movimentos próprios de cada curso, especialmente na enfermagem e medicina.

Todos esses movimentos permitiram aos cursos da área de saúde acumularem elementos importantes em relação ao conhecimento dos problemas enfrentados nas escolas e também em relação às alternativas para superá-los (FEUERWERKER, 2001). Entretanto, até os dias atuais, as mudanças na formação desses profissionais defrontam-se com os paradigmas flexnerianos, que apesar de todas as inovações educacionais emergentes, permanecem ainda solidificados em muitas instituições (TEIXEIRA; PAIM, 1996).

Lunardi apud Waldow (1995) cita que ainda existem escolas com formação disciplinar rígida, tornando o aluno menos capaz politicamente de negociar, de argumentar, de resistir. Entretanto, notou-se uma maior flexibilidade nos docentes, demonstrada nos movimentos de contra-poder destes próprios profissionais ao poder disciplinar que os formou e também os mantém como enfermeiros e docentes no seu dia-a-dia.

Segundo Pereira apud Waldow (1995), estudantes de enfermagem, na sua maioria, vêm já condicionados e motivados para atividade prática, engajando-se mais em disciplinas e atividades que priorizam o modelo biomédico e o tecnicismo.

Os programas encontrados nos currículos tradicionais, que seguem ainda o modelo flexneriano têm priorizado o *produto* relativamente ao *processo*, isto é, pouco se valorizam os conteúdos sobre análise, discussão e reflexão. Por este motivo têm prevalecido os métodos de ensino expositivos, em geral pouco participativos, originando uma aprendizagem passiva, baseada na memorização (ISLA et al. 1995; RIBEIRO, 1995).

Os cursos de graduação de enfermagem tendem a desenvolver um programa de aprendizagem para estimular nos estudantes os valores de enfermagem como profissão autônoma, cujo centro das atenções é o paciente. Ribeiro (1995) enfatiza a importância da introdução de alterações na formação inicial de enfermagem, tanto no que se diz respeito a conteúdos, como no que diz respeito à forma, utilizando por exemplo metodologias que apelem à clarificação de valores, confronto com dilemas morais e tomadas de decisão. Porém, logo no início de sua vida profissional, os enfermeiros descobrem que são outras as expectativas das instituições de saúde, que enquadram estes profissionais, geralmente, em tarefas administrativas.

O ensino de Enfermagem, em nível superior, vem passando por amplas reformas curriculares, estruturais e filosóficas. Parte-se do princípio de que um currículo é síntese de múltiplas determinações e que a contextualização dos cursos nas diversas épocas retrata as condições sócio-políticas e de saúde, condições estas que exercem influências na elaboração e na execução dos diferentes currículos (GARCIA et al., 1995).

Pode-se constatar essas determinações no ensino de Enfermagem desde o seu início, sob influência de enfermeiras norte-americanas, convidadas para, entre outras medidas, criarem a Escola de Enfermagem, que teve seu funcionamento iniciado em 1923 e foi organizada segundo as mais modernas tendências da educação da Enfermagem nos Estados Unidos (GARCIA et al., 1995).

Muitos decretos, leis, pareceres e resoluções caracterizaram as diversas mudanças curriculares nestes mais de 70 anos de ensino de Enfermagem. A Enfermagem no seu início como profissão estava orientada para a tarefa e para a doença. Era rica em “como” fazer, mas pobre em “porque” fazer. Desta maneira, relata Hara (1968) o aluno freqüentemente executava a técnica com perfeição sem compreender os motivos deste ou daquele procedimento.

Essa forma de ensino dificultava a aprendizagem e o desenvolvimento profissional dos estudantes, pois limitava-lhes o raciocínio e a capacidade de adaptação às diferentes situações (HARA, 1968).

Boemer et al. (1992) relatam que mudanças no sentido de introduzir novos conteúdos no ensino de graduação em Enfermagem já vinham ocorrendo desde 1967, representando, segundo autoras, momento em que a ênfase de um ensino voltado para o desenvolvimento de habilidades técnicas já não satisfazia aos Enfermeiros envolvidos com o ensino de Enfermagem.

Cianciarullo e Cunha (1996) ao relatarem à comunidade acadêmica e assistencial de Enfermagem a experiência de elaboração e implantação do projeto pedagógico do Curso de Enfermagem na Universidade de Santo Amaro – UNISA, expressam que tem sido um constante

desafio para os órgãos formadores e para os profissionais que atuam na área de ensino de Enfermagem a preocupação com a formação dos enfermeiros capazes de provocar mudanças na saúde da população brasileira.

Para estes autores os enfermeiros necessitam ter sólida formação científica, humanística, política e ética, que os capacite para a identificação e resolução de problemas de saúde da população. Para tanto os órgãos formadores devem atender a estas necessidades na formação de seus alunos (CIANCIARULLO; CUNHA, 1996)

Por todos esses motivos, muitas das escolas de enfermagem do Brasil vêm reformulando e discutindo há alguns anos os currículos com a finalidade de ajustar-se às exigências da área de saúde e do mercado de trabalho, que pode contribuir para diminuição das ansiedades do enfermeiro recém-formado. Esta situação é concreta na cidade de Londrina, onde duas escolas de enfermagem, uma pública e outra privada, vêm realizando mudanças curriculares importantes visando a formação de enfermeiros generalistas, com competência técnica e criativa.

Frente às propostas curriculares atuais e ao mercado de trabalho desta região, questiona-se: a formação ofertada nos cursos de graduação em Enfermagem tem possibilitado a inserção do enfermeiro recém-graduado no mercado de trabalho de forma segura?

Nesta pesquisa procura-se analisar a opinião de enfermeiros recém-graduados sobre os sentimentos e percepções da sua formação na graduação frente à atuação profissional no primeiro emprego.

### Metodologia

Trata-se de uma pesquisa com abordagem quantitativa. A população foi composta de enfermeiros recém-graduados por duas escolas de Enfermagem da cidade de Londrina-PR, uma pública e outra privada, que formam anualmente entre 60 e 50 alunos respectivamente. Os locais de atuação profissionais dos enfermeiros participantes no estudo são três hospitais de grande porte, situados na cidade de Londrina, sendo dois deles de atendimento particular, e um que atende exclusivamente clientes do Sistema Único de Saúde.

Como critério de seleção dos participantes foi estabelecido que o enfermeiro deveria ter, no máximo, 12 meses de formado. Estes profissionais foram procurados e após explicação do objetivo do estudo, aceitaram participar da pesquisa.

Utilizou-se nessa pesquisa um questionário formado por duas partes: a primeira constava de dados de identificação e aspectos sobre vínculo empregatício; e a segunda parte de cinco questões fechadas e abertas (APÊNDICE A).

O instrumento de pesquisa foi aplicado na última quinzena de outubro de 2001, com devolução imediata do mesmo. Todos responderam no ambiente de trabalho o instrumento de coleta de dados. Para participação na pesquisa foram garantidos o anonimato e o sigilo dos enfermeiros, mediante a assinatura no termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados foram analisados quantitativamente, em números e percentuais.

## Resultados e Discussão

De acordo com o estudo, verificou-se que entre os 15 enfermeiros participantes, a grande maioria (86,77%) dos recém-graduados, pertence ao sexo feminino; 86,68%, encontra-se na faixa etária de 21 a 25 anos e 80% são solteiros. Quanto à escola de formação, 53,34% formaram-se por uma universidade pública e 46,66% por uma universidade privada na cidade de Londrina.

Quanto à unidade de atuação profissional no momento do levantamento de dados, verificou-se uma maior concentração de enfermeiros nas unidades de internamento médico-cirúrgicas (47%). Dois enfermeiros (13,34%) referiram que trabalham em mais de uma instituição, ou seja, mantêm dois vínculos empregatícios.

Sobre a questão da renda mensal, verificou-se que 46,66% dos enfermeiros ganham entre R\$1.000,00 e 1.500,00; 40% ganham entre R\$900,00 e 1.000,00; 6,67% obtêm ganho superior à R\$2.000,00 e 6,67% não responderam.

A maioria dos recém-graduados (86,66%) empregou-se pouco tempo após a conclusão do curso de graduação, variando o tempo em até 3 meses. Isto demonstra que o mercado de trabalho ainda absorve com rapidez os recém-formados do curso de Enfermagem na cidade de Londrina.

Dos 15 enfermeiros (100%) entrevistados, 9 (60%) referiram sentir-se preparados para o primeiro emprego; 4 afirmaram que a graduação ofereceu preparo adequado; 2 referiram já estar atuando na área, como auxiliar de enfermagem e um, que iniciou a atividade profissional em Unidade Básica de Saúde, sendo esses fatores considerados como facilitadores no início do primeiro emprego. Dois não responderam a questão.

Três enfermeiros (20%) relataram que não se sentiram preparados para a função, alegando que o fator principal do despreparo foi a insegurança gerada no início da carreira.

Dos três enfermeiros (20%) que responderam sentirem-se parcialmente preparados na época do primeiro emprego, dois alegaram que alguns conteúdos não foram abordados na graduação ou que faltou aprofundamento em alguns temas. Apenas um relatou ter se sentido preparado, porém com alguns receios. Esses dados são reforçados pela pesquisa de Silva (2004), que ao avaliar a percepção de enfermeiros quanto à disciplina de administração aplicada à enfermagem, também encontrou referências à lacunas quanto a conteúdos ministrados durante o curso.

É importante reforçar que o processo pedagógico que busca ser crítico-reflexivo é fundamental à mobilização, elaboração e expressão do conhecimento, e isto acontece quando se propiciam espaços para desenvolvê-los, ao vivenciar-se práticas significativas em sala de aula, quando há oportunidades de relacionar o conhecimento e a educação com a realidade profissional, política, econômica e social (VASCONCELLOS, 1996).

Doze enfermeiros (80%) disseram que sentiram dificuldades no primeiro emprego, justificadas da seguinte maneira: quatro alegaram pouca experiência em Liderança; dois devido à rotina da instituição; dois por medo do desconhecido e por insegurança; um por falta de apoio e

estrutura da instituição; um referiu falta de conhecimento técnico-científico e assistencial, e dois não responderam.

Corroborando com esses dados a pesquisa realizada por Di Lascio (1970) que aponta que o enfermeiro recém-formado ainda precisa de maior “modelagem” por não ser um produto acabado e sentir-se despreparado para iniciar suas atividades como profissional.

A maior dificuldade referente a conteúdo educacional da graduação relacionado às necessidades sentidas no primeiro emprego, referiu-se, segundo os enfermeiros entrevistados, ao tema liderança (42,86%) seguido de administração (21,43%).

Constata-se que grande parte dos entrevistados (66,67%) iniciou sua atividade profissional em local que desejava e que 80% dos profissionais receberam treinamento antes de iniciar no setor de trabalho, principalmente pelos enfermeiros do setor que iriam substituir (91,67%). A característica do treinamento para 50% dos entrevistados foi do tipo formal. Belei et al. (1992) enfatizam a importância do treinamento do recém-formado e que este seja realizado por um enfermeiro, seja ele do setor de Educação e Treinamento ou chefe da unidade, mas com *feedback* ao recém-formado, como forma de avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

De Sordi (1995) também reforça a importância da avaliação durante todo processo educativo no qual o enfermeiro assume papel de educador e/ou educando.

Todos os enfermeiros referiram procurar auxílio frente às dificuldades enfrentadas no primeiro emprego, principalmente através de consultas a livros (35,72%), à própria chefia (28,57%), a colegas de serviço ou da graduação (28,57%) e com os ex-professores (7,14%). Seis enfermeiros (60%) mudaram de emprego após o início da atividade profissional por causas variadas, como insatisfação profissional, busca de melhores salários entre outras.

Quando questionados sobre a formação ofertada pela escola frente à prática profissional, os entrevistados mostraram-se divididos. Dos 15 enfermeiros entrevistados, sete (46,66%) afirmaram que a escola forma o aluno para prática e sete afirmaram que não. Três enfermeiros justificaram que a instituição possui campos de estágio amplos e dois participaram do internato de enfermagem, prática que facilitou a aquisição de habilidades; dois afirmaram que a escola forma para a prática, mas o profissional necessita de tempo para aperfeiçoar-se.

Os sete enfermeiros que responderam que a instituição não forma o aluno para a prática, justificaram sua opinião da seguinte forma: quatro, alegaram que a escola por si não forma um profissional apto para estar no mercado de trabalho e que alguns conteúdos ficam pendentes; três, disseram que durante o exercício profissional muitas vezes presenciam situações inéditas, não estudadas em sala de aula. Um enfermeiro, que respondeu nem sempre, alegou que alguns professores não relacionam a teoria com a prática.

Pode-se concluir através do estudo que 53,33% dos enfermeiros acreditam que os conteúdos fornecidos foram suficientes, 40% foram insuficientes e 6,67% não responderam à esta questão. Ainda neste quesito, 80% dos entrevistados afirmaram que os docentes relacionam os conteúdos com a realidade e 60% consideraram que os alunos mostraram interesse durante o curso de graduação.



### Conclusão

Pelos resultados deste estudo, verificou-se que a formação ofertada em dois cursos de graduação em Enfermagem da cidade de Londrina, associada a forma de inserção do profissional pela instituição empregadora, ainda não tem possibilitado a inserção do enfermeiro recém-graduado no mercado de trabalho de forma plenamente segura, pois 80% dos participantes responderam que sentiram algum tipo de dificuldade no primeiro emprego.

Essa insegurança deu-se principalmente em relação à falta de experiência como líder, pela situação ainda pouco conhecida, além da falta de apoio e estrutura da instituição empregadora.

De acordo com a opinião dos enfermeiros, a maioria iniciou suas atividades profissionais nos locais desejados e após algum tipo de treinamento. Contudo alguns não se sentiram seguros no início da carreira, situação que suscita reflexões sobre a formação na graduação no sentido da necessidade de aprimoramento dos aspectos apontados como dificultadores.

Esse estudo possibilitou verificar que os enfermeiros recém-graduados ficaram divididos ao avaliar se a escola forma o aluno para a prática, mesmo após as reformulações curriculares ocorridas nas escolas de Enfermagem de Londrina. É importante analisar os fatores que podem ter influenciado essas respostas, de forma a buscar subsídios para melhorar a formação de outros educandos.

Os entrevistados que sentiram dificuldades no primeiro emprego, principalmente quanto as temáticas relacionadas a Liderança e Administração, procuraram auxílio em livros, com a chefia, com colegas do serviço e da graduação como também com ex-professores.

Apesar de todas as dificuldades encontradas, a grande maioria recomendou aos alunos formandos dos cursos de Enfermagem, através das mensagens, garra e força de vontade para enfrentar e obter um bom emprego, muito estudo e atualização contínua.

Pode-se concluir que, realmente um enfermeiro recém-graduado não é um produto acabado, precisa de treinamento, incentivo e prática para desempenhar com segurança sua função profissional.

### Referências

BELEI, R. A. et al. Primeiro emprego: como treinar o enfermeiro recém-graduado. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 45. n. 4, p. 308-312, out./dez. 1992.

DI LASCIO, C. M. D. S. Preparo no curso de graduação, para integração do enfermeiro recém-graduado na vida profissional. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem, 1970, São Paulo. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 316. p. 57-75, jul./dez. 1970.

ISLA et al. *Alternativas a la enseñanza tradicional*. Rol. XVIII, n. 203-204, p. 51-56, 1995.

LUNARDI, V. L. A sanção normalizadora e o exame: fios visíveis/invisíveis na docilização dos corpos das enfermeiras. In: WALDOW, V. R.; LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E. *Maneira de cuidar, maneiras de ensinar: a enfermagem entre a escola e a prática profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 79-108, 1995.

PEREIRA, R. C. J. Refletindo e escrevendo sobre as experiências

vivenciadas no contexto da escola e do cuidado. In: WALDOW, V. R.; LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E. *Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar: a enfermagem entre a escola e a prática profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 135-149, 1995.

RIBEIRO, L. S. *Cuidar e tratar: formação em enfermagem e desenvolvimento sociomoral*. Lisboa: SEP, 1995.

Recebido para publicação em: 15/07/03

Received for publication on: 15/07/03

Aceito para publicação em: 08/09/05

Accepted for publication on: 08/09/05

### INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo: ☐ F ☐ M  
 Idade: ☐ 21 a 25 ☐ 25 a 29 ☐ 29 a 33 ☐ 33 a 37 ☐ outra idade:  
 Estado Civil: ☐ solteiro ☐ casado ☐ outros  
 Nome da Escola de Formação: ☐ UEL ☐ UNIFIL ☐ UNOPAR  
 Ano que concluiu o curso: \_\_\_\_\_

#### EMPREGABILIDADE

Local de Trabalho: \_\_\_\_\_  
 Enfermeira(o) do setor: \_\_\_\_\_  
 Renda Mensal em salários mínimos vigente (R\$):  
☐ 3 a 4 ☐ 4 a 5 ☐ 5 a 6 ☐ 7 a 8 ☐ 8 a 9 ☐ + de 10

#### FORMAÇÃO PROFISSIONAL E ACADÊMICA

1. Depois de quanto tempo de formado iniciou no primeiro emprego ?  
☐ até 1 mês ☐ de 1 a 3 meses ☐ de 3 a 6 meses ☐ de 6 a 12 meses

2. Ao final do Curso de Enfermagem você se sentia preparado para o primeiro emprego?  
☐ sim ☐ não ☐ parcialmente

Justifique: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

3. Caso tenha sentido dificuldades no primeiro emprego, assinale o(s) tipo(s) ou a área da sua dificuldade:  
☐ administrativo ☐ assistencial ☐ liderança ☐ relação com paciente  
☐ falta de apoio da instituição ☐ relação enfermeiro-equipe multidisciplinar  
 4. Você acha que a escola forma o aluno para as necessidades da prática profissional?  
☐ sim ☐ não

Justifique: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

5. Na sua formação acadêmica os conteúdos foram:  
☐ suficientes ☐ insuficientes, cite-o(s)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### PESQUISA - O ENFERMEIRO RECÉM-GRADUADO E O PRIMEIRO EMPREGO: percepções da formação na graduação e da atuação profissional

Você está sendo convidada(o) para participar de uma pesquisa, que tem o objetivo : Analisar a opinião de enfermeiros recém-graduados sobre os sentimentos e percepções da sua formação na graduação frente a atuação profissional no primeiro emprego.

Para isso você precisará responder um instrumento, considerando que:

- Você não será identificada (o);
- Este estudo não implica em qualquer dano físico ou moral para você;
- Será mantido o caráter confidencial das informações;
- Você tem a total liberdade de participar ou não sem que esta decisão prejudique você ou a instituição.

Ciente e de acordo: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_